

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

FH no palanque

• O presidente Fernando Henrique estreou ontem no debate eleitoral acusando o candidato Lula de usar saltos altos ao propor que não tome medidas que engessem o futuro governo. Em conversas com tucanos sobre a situação de Serra e a consolidação de Lula, o presidente já dissera esta semana que não abdicará de seu papel de eleitor especial na campanha eleitoral.

Em uma dessas conversas, recomendou mais dureza com os adversários, o que tratou de fazer pessoalmente ontem. Além de Malan, combatendo o PT no plano econômico, devemos ter agora também o presidente como ator no palco eleitoral, embora deva restringir-se à defesa de seu governo e não do candidato. Das articulações políticas em favor de Serra ele já vem participando intensamente. O movimento noturno no Alvorada tem sido intenso, não só nas noites do cineminha, com a passagem de pefelistas e pepebistas que podem apoiar Serra isoladamente e peemedebistas que negociam a aliança com o PSDB, além de outros eventuais colaboradores. Foi do presidente a iniciativa de chamar o publicitário Nizan Guanaes a colaborar com o grupo responsável pelo marketing da campanha, operação que ainda está em curso. Sem dúvida, o presidente será um cabo eleitoral importante, embora hoje apenas 7,5% (pesquisa CNT/Sensus) declarem votar apenas no candidato por ele apoiado. Mas reza o conhecimento político empírico que o Planalto será sempre capaz de transferir 20% de votos para seu candidato.

O ataque de ontem a Lula teve como pretexto suas declarações no Rio criticando medidas que possam representar blindagem contra o futuro governo, seja quem for o

presidente eleito. Citou como exemplo, no lançamento de seu programa de energia, a venda de geradoras como a Chesf antes do fim do ano. O conceito de blindagem surgiu com o projeto de autonomia do Banco Central, do qual o governo já desistiu por falta de consenso entre os aliados. Mas o PT classifica na mesma categoria outras medidas, tais como a troca dos presidentes de agências reguladoras, que têm mandatos de cinco anos, de modo a que o futuro presidente não possa nomear nenhum deles. Teria pouca margem para alterar as regras de concessão dos serviços públicos privatizados. Já foi trocado o da ANP, o da Aneel teve o mandato renovado e hoje toma posse o novo presidente da Anatel, José Guilherme Shymura.

Uma outra blindagem contra Lula, esta de natureza *institucional*, deu muito trabalho ao país. Na revisão constitucional de 1993, temendo sua então provável vitória em 1994, PFL, PSDB e PMDB patrocinaram a redução do mandato presidencial de cinco para quatro anos, com direito à reeleição. Lula ficaria só quatro anos e não se reelegeria, calculavam. Na votação, o artigo da reeleição caiu e FH foi depois eleito para um mandato de apenas quatro anos. Acabou pagando caro para aprovar a emenda da própria reeleição.